

PARQUE FAUNO: EXPLORAÇÃO DO EXCÊNTRICO NO PAISAGISMO

PARQUE FAUNO - EXPLOTACIÓN DE LO EXCÉNTRICO EN EL PAISAJISMO

PARQUE FAUNO - EXPLOITATION OF THE ECCENTRIC IN LANDSCAPE DESIGN

DONOSO, VERÔNICA GARCIA

Doutora, Professora Adjunta da Universidade Federal de Santa Maria, campus Cachoeira do Sul, E-mail: veronica.donoso@ufsm.br

COVALESKI, JOANI PAULUS

Mestra, Professora Substituta da Universidade Federal de Santa Maria, campus Cachoeira do Sul, E-mail: cvk.joani@hotmail.com

BARTMANN, CAROLINE MACHADO

Graduanda, Discente do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Maria, campus Cachoeira do Sul, E-mail: carolmbartmann@gmail.com

TASCHETTO, PEDRO HENRIQUE MARIN

Graduando, Discente do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Maria, campus Cachoeira do Sul, E-mail: ph.marin.ph@gmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta um exercício de projeto paisagístico desenvolvido na disciplina "Projeto Urbano e da Paisagem I" do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), campus Cachoeira do Sul, no segundo semestre de 2020. O trabalho explora conceitos de excêntrico e do não usual para desenvolver projeto do parque urbano, buscando, também, maior compreensão da paisagem, história e vegetação do Rio Grande do Sul. O resultado foi um projeto de parque urbano atento às especificidades locais e com definição espacial e composicional complexa e singular, rompendo alguns formalismos e permitindo à poética grande papel na definição do pensamento da paisagem. O projeto abraça a criatividade e o diferente para criar um universo rico em cenários não convencionalmente explorados no paisagismo, ao mesmo tempo em que permite aos espaços serem multifuncionais e livres para diferentes formas de apropriação. Além disso, explorou composições vegetais unicamente com espécies nativas dos pampas, para maior visibilidade das possibilidades da paisagem sulista e espécies nativas no projeto paisagístico. Espera-se que a divulgação deste trabalho estimule maior sensibilidade no projeto paisagístico, buscando especialmente valorizar a metodologia do conceito e da composição com espécies vegetais para a definição dos espaços e experiências sensoriais promovidas e permitidas pela paisagem.

PALAVRAS-CHAVE: projeto paisagístico, parque urbano, excêntrico.

RESUMEN

Este artículo presenta un ejercicio de proyecto paisajístico desarrollado en el curso "Proyecto Urbano y Paisajístico" de la graduación en Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Federal de Santa Maria (UFSM) campus Cachoeira do Sul, Brasil, en el segundo semestre de 2020. El trabajo explora conceptos del excéntrico y no usual para desarrollar el diseño de un parque urbano, buscando también una mayor comprensión del paisaje, de la historia y vegetación nativa del estado de Rio Grande do Sul. El resultado fue un proyecto de parque urbano atento a las especificidades locales y con una definición espacial y composicional compleja y singular, rompiendo algunos formalismos y permitiendo que la poética juegue un papel importante en la definición del pensamiento del paisaje. El proyecto abraza la creatividad y lo diferente para crear un universo rico en escenarios no explorados convencionalmente en el paisajismo, al tiempo que permite que los espacios sean multifuncionales y libres para diferentes formas de apropiación. Además, el proyecto exploró composiciones vegetales solamente con especies originales de los pampas, para dar mayor visibilidad a las posibilidades del paisaje con especies autóctonas en el proyecto paisajístico. Se espera que la difusión de este trabajo estimule una mayor sensibilidad en el diseño del paisaje, buscando especialmente valorar más metodologías de concepto y de composición con especies vegetales para la definición de espacios y experiencias sensoriales promovidas y permitidas por el paisaje.

PALABRAS CLAVES: proyecto paisajístico, parque urbano, excéntrico.

ABSTRACT

This article presents a landscape design developed in the course "Landscape and Urban Design I" at the B.S. Course of Architecture and Urbanism of the Federal University of Santa Maria (UFSM), Cachoeira do Sul campus, in the second semester of 2020. The project explores concepts of eccentric and unusual to develop an urban park design, also seeking a greater understanding of the landscape, history and vegetation of Rio Grande do Sul State, Brazil. The result was an urban park design attentive to the local specificities and with complex and singular spatial and compositional definition, breaking some formalism and allowing poetics to play a large role in defining landscape thinking. The project embraces creativity and the non-usual to create a rich universe of scenarios, that would not be conventionally explored in traditional landscaping. Also, it allows spaces to be multifunctional and suitable for different ways of appropriation. In addition, it explores vegetation compositions using only native species from the pampas, to give greater visibility to the possibilities of the southern landscape and native species in the landscape design. It is hoped that the dissemination of this experience stimulate greater sensitivity in the landscape design, seeking especially to value the concept and composition methodology with plant species for the definition of spaces and sensory experiences promoted by the landscape.

KEYWORDS: landscape design, urban park, eccentric.

Recebido em: 16/06/2021

Aceito em: 07/12/2021

1 INTRODUÇÃO

Este artigo sintetiza o trabalho desenvolvido na disciplina Projeto Urbano e da Paisagem I, do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), campus Cachoeira do Sul. O trabalho consistiu em exercício projetual de parque urbano no mesmo município.

Cachoeira do Sul é uma cidade localizada no interior do Rio Grande do Sul, com 81.869 habitantes estimados (IBGE, 2020). Sua morfologia é fortemente marcada pelo contexto econômico emergente dos anos 1930-1945, sustentado majoritariamente pela indústria rural da região, e do importante ciclo de produção do arroz. Em vista disso, a cidade compõe um perfil essencialmente agrícola e, em razão dessa característica, a atividade ferroviária também teve papel preponderante na história do sistema de escoamento de insumos (SELBACH, 2018). A ferrovia tornou-se de grande importância no contexto gaúcho por conta de sua logística que abrange uma gama de regiões do estado, mas esse sistema de transporte também sofreu alterações drásticas em sua estrutura; em razão da falta de manutenção, as linhas férreas tornaram-se obsoletas (ALVES, 2013).

A decorrente mecanização do campo e a inserção de novas culturas de importância econômica, como a soja, alteraram a produção agropecuária de Cachoeira do Sul, embora esta ainda seja conhecida como a “capital do arroz”, com seus silos e moinhos marcando a paisagem do município, representativos desse período expressivo da história na cidade.

O projeto urbano foi desenvolvido em terreno próximo ao Campus da Universidade Federal de Santa Maria, localizado na estrada da Ferreira, sendo um dos quatro acessos de maior importância da cidade segundo o inventário turístico de Cachoeira do Sul. Essa estrada também apresenta a construção da Estação Ferroviária Ferreira, da linha Porto Alegre-Uruaiana, construída em 1885 e desativada em 1973. O nome é uma homenagem ao Arroio Ferreira, tributário do rio Jacuí, importante na paisagem da cidade e na história do escoamento produtivo pela navegação fluvial na conexão com Porto Alegre no final do século XIX (MINSEN *et al.* 2012).

Embora não esteja próxima ao terreno de desenvolvimento da proposta, a estação ferroviária abandonada motivou o desenvolvimento da proposta em razão da sua localização e entorno, importância histórica e paisagem de abandono. Essa estética pouco valorizada de um espaço abandonado, com a construção deteriorada e vegetação espontânea predominante entre os espaços, têm uma poética certamente exótica e excêntrica, que serviu de inspiração para o desenvolvimento do projeto de parque desenvolvido na disciplina da UFSM.

O exercício projetual foi desenvolvido no terreno vizinho ao campus da UFSM, em área com características ainda bastante rurais. Para a elaboração do projeto, foi utilizada a metodologia de composição espacial paisagística (MACEDO, 1992) e utilização da estratégia conceitual. O objetivo deste artigo é mostrar os caminhos percorridos ao longo da definição conceitual, concepção formal e detalhamentos do projeto do parque.

2 DESENVOLVIMENTO

Parques urbanos no Brasil

O conceito de parque urbano está intimamente ligado ao conceito de espaço livre, visto que este faz parte do sistema. Deste modo, destaca-se que os espaços livres são definidos como todos aqueles desprovidos de edificação, contrapondo-se ao espaço construído (LIMA, 1994; MAGNOLI, 2006a).

A fim de facilitar a compreensão dos espaços livres, e entender sua relação com os parques urbanos, Magnoli (2006b) apresenta uma classificação de acordo com suas funções, e os divide em 6 grupos. Dentre as categorias, os espaços livres sanitários e sociais abrangem as zonas de lazer e os parques, em suas diversas escalas, e reiteram sua importância para manutenção da vida em meio às cidades. No entanto, a categorização específica dos parques urbanos é uma atividade em constante desenvolvimento.

Reverendo a história do paisagismo, é possível observar que os parques urbanos possuem sua origem fundamentada na industrialização e na urbanização dos países. Sakata (2018) afirma que o parque surgiu entre os séculos XVI e XVII, como espaço para trocas sociais somente entre os aristocratas europeus, não sendo um espaço de livre acesso para toda população.

Tal espaço, assim como os jardins privados e avenidas arborizadas, era usado somente como uma área para passear, contemplar a natureza. No Brasil, o primeiro parque urbano, que seguia os mesmos princípios dos moldes europeus, foi o Passeio Público do Rio de Janeiro, de 1783, projetado por Valentim da Fonseca e Silva (SAKATA, 2018).

Entretanto, é no século XIX que acontecem melhorias e reformulações nas cidades brasileiras, e é nesse período que os parques e as praças, com a configuração conhecida até os dias de hoje, são incorporados à linguagem da urbe (MACEDO, 1992). Cabe ressaltar que nesse momento “cria-se toda uma escola de desenho dos espaços livres públicos, que são densamente arborizados, muitas vezes cercados por gradis, possuindo fontes, esculturas e outros elementos decorativos” (MACEDO, 1992, p. 12).

Avançando para a segunda metade do século XX, as cidades brasileiras cresceram de modo descontínuo, configurando vazios urbanos que foram apropriados pela população, tanto para moradia quanto para lazer. Nesse momento, a criação de parques urbanos se tornou objeto de interesse e investimento público e as necessidades sociais de espaço para lazer e recreação esportiva ganharam atenção e importância (MACEDO, SAKATA, 2010; SAKATA, 2018).

A partir desse momento novas funções são incorporadas, além das atividades de caráter esportivo, como a função cultural e de conservação de recursos naturais. No final do século XX também começam a surgir novas demandas e uma revisão dos programas tradicionais, com maior valorização das atividades esportivas e de lazer ativo, assim como a implementação de novos usos, como o ecológico que usa o parque como um instrumento de preservação da vegetação e do ambiente natural (MAYMONE, 2009; MACEDO, SAKATA, 2010).

Atualmente essa ampliação do programa dos parques urbanos têm proporcionado usos mais diversificados e locais de lazer mais inclusivos para todas as faixas etárias e classes sociais, proporcionando tanto o lazer contemplativo esportivo, quanto educativo e cultural (MACEDO; SAKATA, 2010) assim como projetos de espaços livres com mais liberdade, assumindo novas formas (SAKATA, 2018).

O ensino do paisagismo e o projeto de parques urbanos

O paisagismo é apresentado por Macedo, parafraseando Motloch, como “um processo consciente de manejo, planejamento e mudança física da paisagem envolvendo o seu manejo e o projeto de lugares (aqui considerados como segmentos específicos de uma paisagem total)” (MOTLOCH *apud* MACEDO, 1993). A função do arquiteto paisagista é descrita como um universo com dois níveis distintos: um na escala de espaços livres da urbanização – escala territorial ou regional – outro na escala dos espaços livres de edificações da cidade (MACEDO, 1993).

Bartalini (2019) afirma que o objetivo do ensino do paisagismo é a paisagem, e destaca a importância de linguagens de expressão poéticas e outras formas de expressão para contribuir com o ensino do paisagismo. O ensino do paisagismo dentro de escolas de Arquitetura, conforme ocorre no Brasil, não é usual mundialmente. Essa conciliação tem seus desafios, mas é de grande importância para a formação do arquiteto, urbanista e paisagista, responsável também pelo pensamento dos espaços livres de edificação. A discussão do ensino do paisagismo em escolas de Arquitetura é tão específica que é tema de congresso da área, o ENEPEA - Encontro Nacional do Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo no Brasil, onde se discutem métodos, estratégias de ensino, referências, experiências e conhecimentos diversos desde 1994.

Na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no Rio Grande do Sul, existem dois cursos de Arquitetura e Urbanismo, o de Cachoeira do Sul, criado em 2014, e o do campus sede em Santa Maria, criado em 1993 (AUTOR., 2020). O ensino do paisagismo nessa instituição é bastante influenciado pelos conceitos de espaços livres e paisagem de Miranda Magnoli e seus discípulos, como Silvio Soares Macedo, que colocam a paisagem em sua dimensão social, ambiental e temporal, muito além das noções técnicas do domínio do conhecimento de espécies vegetais, e está sempre buscando renovação e reflexão. Os exercícios projetuais buscam não simplesmente o domínio da técnica, mas também a dimensão sensível da paisagem.

A disciplina de Projeto Urbano e da Paisagem I desenvolvida no curso de Arquitetura e Urbanismo da UFSM campus Cachoeira do Sul, promove o primeiro contato dos discentes com o projeto da paisagem, no sexto semestre de uma formação de 12 semestres. O ensino é dividido em três exercícios, sendo o primeiro de composição com espécies vegetais, o segundo a conceituação e *Masterplan* de um parque urbano e o terceiro o detalhamento de um trecho desse *Masterplan*, com as definições de espécies vegetais e dos espaços. As escalas de trabalho são variadas, de 1:50 a 1:1000. O objetivo é tornar os/as discentes aptos e sensíveis para o projeto de espaços livres para as práticas sociais.¹

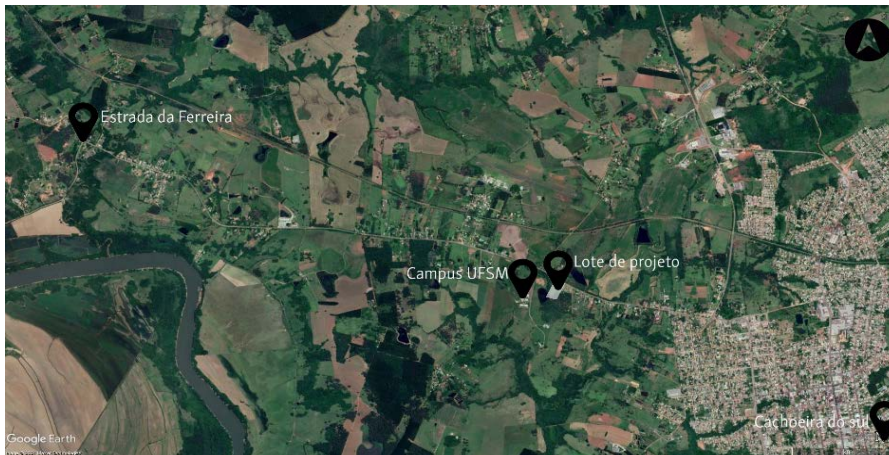
Neste artigo, apresenta-se o resultado projetual dos exercícios 2 e 3 da disciplina, desenvolvidos no segundo semestre de 2020, com o uso de tecnologias educacionais digitais e desenvolvimento da disciplina

a partir dos Regime de Exercícios Domiciliares Especiais (REDE) instituído pela UFSM, por conta da suspensão das atividades presenciais administrativas e acadêmicas na instituição devido à Pandemia Sars-CoV (COVID-19), que alterou o cenário do ensino em 2020.

O Parque Fauno e a estratégia de valorizar o não convencional

O conceito do parque se desenvolveu a partir da exploração do entorno do terreno, localizado ao lado do campus da UFSM em Cachoeira do Sul na estrada da Ferreira (figura 1). Essa é uma região predominantemente rural em seu atual contexto, diferentemente da área central da cidade, que é fortemente marcada por características urbanas. Um pouco mais distante do campus, mas ao longo da estrada da Ferreira, está a antiga estação férrea do município, já bastante degradada e abandonada, mas que já foi marco mercantil da cidade.

Figura 1: Mapa de localização do terreno, do campus da UFSM em Cachoeira do Sul e da estação histórica da Estrada da Ferreira.



Fonte: Adaptado de Google Earth.

A dualidade entre o abandono pela civilização, mas apropriação pela paisagem, cria uma atmosfera única, envolvida em um meio excêntrico e místico que inspiraram o projeto, o excêntrico, pela origem de sua definição, é tudo aquilo que foge do centro, no sentido figurado define tudo que é fora do comum, que supera o padrão. O místico simboliza o irreal, refletindo a fantasia e o espírito. Partindo desse pressuposto do incomum, provoca-se a intenção em explorar o pouco usual para todos os aspectos compositivos do parque, assim como o programa de atividades, inspirados pelas figuras 2, 3 e 4.

Figuras 2, 3 e 4: A Estação Ferroviária Ferreira.



Fonte: Fotografias dos autores.

Para complementar a proposta conceitual do projeto, buscaram-se referências cinematográficas que abordam temas místicos e excêntricos, como também filmes² que tratam de uma trajetória de exploração e autodescobrimento, para que a estética da proposta pudesse ser mais palpável, e corroborando para criar uma linguagem coesa visual, em que fosse possível transpassar o cotidiano através da fantasia (ROCHA, 2012), como é tão admirada no mundo cinematográfico.

Após referenciados os aspectos compositivos que seriam atribuídos à estética, a caracterização do sinuoso solidificou a fisionomia da criação, abraçando o diferente, criando fantasias, sondando a vegetação nativa (pouco utilizada no paisagismo tradicional) e gerando o não-convencional Parque Fauno. Nele, criam-se diferentes cenários em que o usuário traça sua trajetória, agindo como protagonista de sua própria experiência, onde os espaços se tornam multifuncionais e livres para diferentes apropriações.

Com um repertório repleto de referências visuais, a próxima etapa da elaboração do Parque Fauno foi estabelecer suas diretrizes, a fim de compor uma proposta conceitual que também pudesse ser espelhada em seus meios atrativos, para que a função e a forma se tornassem um componente único. Posto isso, alguns elementos-chave foram essenciais para nortear as diretrizes, tais como a sinuosidade de troncos e formas, para remeter ao aspecto exótico do conceito e a criação de caminhos secundários para propor opções de rotas sugestivas para trajetórias de exploração e autodescobrimento.

Também foram determinados espaços mais lúdicos, com a proposta de gerar um projeto com sensações, cores e texturas expressivas com o objetivo de possibilitar ao transeunte sensibilizar-se com o espaço, transformando-o em um lugar significativo, para que futuramente seja possível conceber uma memória afetiva de sua experiência, agregando valores e sentimentos ao ambiente (AUGÉ, 1992) e, por fim, como proposta de diretriz mais excêntrica, foram criados espaços ocultos, através de acampamentos em formato oval (figura 5 e 6), conectados à expressão *easter eggs*³, dispostos de maneira que, apenas percorrendo os espaços do parque, estes poderiam ser encontrados, referindo ao contexto original dos ovos de páscoa e criando ambientes mais reclusos no parque.

Figuras 5 e 6: os espaços ocultos e os acampamentos, em referência aos *easter eggs*.



Fonte: os autores.

Com as diretrizes definidas, a etapa seguinte consistiu em estipular os traçados dos caminhos e o programa de atividades. Foram projetados caminhos secundários, conforme já explicado, com o propósito de explorar a ambiência auto exploratória, apresentando trechos mais reclusos para que o usuário se sentisse acolhido com o ambiente e se integrasse à linguagem mística. Para os caminhos principais, foram projetados trajetos que tanto percorressem as curvas do terreno quanto também criassem percursos suspensos (figuras 7 e 8) ao longo do parque, como forma de remeter às pontes das linhas férreas. A elevação do percurso também permite novos campos de visão e novas perspectivas do espaço. Também foram projetados ambientes de cinema e palco ao ar livre (figura 9), para retomar a experiência cinematográfica.

Para conceber espaços com intuito de proporcionar uma experiência mais sensível, e conectar o lago com o parque, foi projetado um deck suspenso que abraça o corpo d'água. A proposta também conta com um playground com mobiliário escultórico interativo, para que as crianças pudessem interagir com os elementos do espaço, mas que, mesmo em desuso, fizesse parte da linguagem estética e compositiva do projeto como um todo.

Figuras 7 e 8: Os percursos suspensos.



Fonte: os autores.

Figura 9: Ambiente de cinema e palco ao ar livre.



Fonte: os autores.

O projeto foi pensado para que o usuário pudesse ter uma experiência completa após percorrê-lo, pois a compreensão espacial não se limita a um conjunto de fachadas e planos que configuram uma área, esta é pensada como a essência a qual o sujeito se torna substancial em seu meio. A proposta, portanto, não é restringida por cenas enquadradas, pois permite uma experiência de percorrer por diversas dimensões, corroborando para uma melhor compreensão do ambiente como um todo (ZEVI, 1996).

Quadro 1: diretrizes, atividades e objetivos que organizam o conceito com as intenções projetuais.

DIRETRIZ	ATIVIDADE	OBJETIVO
Sinuosidade excêntrica	Mobiliários e Playground	Com o propósito de interpretar o não convencional de forma mais literal, abordando a proposta de maneira tangível.
Narrativa de Autoexploração	Caminhos secundários e Trilhas	Para integrar o transeunte à linguagem do projeto, em que o usuário possa ser autônomo em seu percurso, e percorra o trajeto que preferir, sem a imposição de um caminho "único".
<i>Easter Eggs</i> (Espaços Ocultos)	Acampamento	Como forma de criar espaços importantes de forma não convencional, os acampamentos reclusos no interior do parque modificam a concepção de atração "principal".
Místico	Cinema e Palco ao ar livre	Reinterpretação do mágico e do místico através da arte do cinema e teatro.

Narrativa de Autodescobrimento	Deck elevado	Para criar ambientes mais sensíveis, trabalhando conjuntamente com o lago pré-existente, o deck gera um ambiente lúdico e contemplativo para o usuário.
Linhas Férreas	Caminhos suspensos	Como forma de integrar o início da trajetória conceitual ao parque, foram projetados caminhos elevados que encenam as pontes das linhas férreas, conectando os extremos do projeto.

Fonte: os autores.

Estabelecido o programa de atividades, a seguinte etapa foi a composição espacial, com a criação de um desenho abstrato, inicialmente sem pretensão de definir caminhos e canteiros, mas buscando uma composição fluida abrangendo diferentes formas que representassem de uma maneira explícita a excentricidade pretendida. Posto isso, a silhueta do parque é um complexo de linhas que, mesmo desconformes, fazem parte de uma composição coesa. Foram mesclados eixos orgânicos com uma linguagem mais ortogonal, criando, assim, uma fusão que representa o conceito em sua forma (figura 10).

Figura 10: esquema compositivo da implantação do parque. Fusão entre linguagem orgânica e ortogonal.



Fonte: os autores.

Após este desenho inicial se seguiram estudos de composição para diferentes extratos vegetativos, como forrações. A composição formal, neste momento, passa a ser uma chave de transformação: quando ocorresse sobreposições de formas na planta baixa, a forração seria alterada, criando, assim, uma segunda estratégia, diferentemente da utilização de linhas, mas sim com cores e texturas diferentes, corroborando para o entendimento do conceito em diferentes perspectivas. A partir do desenho original surgiram os caminhos, em que foram criados pequenos espaços a serem percorridos por um único trajeto. Já os caminhos secundários proporcionam novas sensações e, para maior sutileza, o projeto contou com passarelas que acompanham as curvas de níveis, nas quais foram introduzidos platôs que permitem usos de maior permanência. Assim, o relevo do terreno se manteve pouco inalterado, ressaltando sua forma mais natural e sinuosa possível.

Compreendendo quais seriam os espaços a serem percorridos, e quais seriam as finalidades de cada trajeto, o próximo estudo compositivo foi para dispor as massas arbustivas, conciliadas com o percurso e massa vegetativa de menor porte. Assim, as árvores foram dispostas de maneira que os espaços de maior permanência abrigassem as árvores de copas maiores, para obter uma permeabilidade visual mais interessante. Já nos espaços de transição foram utilizadas árvores de copas menores, brincando com o trajeto, e mantendo mais instigante o percurso, criando um mistério até o objetivo do usuário. Portanto, dentro dessa sistemática de permeabilidade visual das copas, uma dialética foi introduzida a fim de propor uma experiência mais gradativa ao usuário e, para que isso ocorresse, árvores de médio porte foram de suma importância para a criação de cenas sutis e progressivamente abrindo e fechando os trajetos.

Após a definição do desenho das copas das árvores, foi necessário incrementá-lo com a massa de vegetação arbustiva e, para abordar uma nova perspectiva de composição, foram propostas manchas sob uma nova camada (Figura 11). Essa nova composição atua como um complexo de combinações arbustivas, onde seriam criadas relações entre arbustos nas manchas desenhadas, para que a vegetação atuasse de

forma natural, orgânica e menos precisa em relação aos limites de plantio, para evitar um panorama artificial da vegetação. Estabelecidas as regiões de intervenção arbustivas e arbóreas, a penúltima etapa do processo foi a definição de espécies vegetais, assim como materiais, mobiliários e iluminação.

Figura 11: estudos compositivos da implantação para percursos e composições vegetais.



Fonte: os autores.

Após a criação das diversas camadas, de massa vegetativa, de desenhos abstratos, caminhos e atividades recreativas do parque, as mesmas foram agrupadas configurando em uma sobreposição de massas e desenhos que compõem a totalidade do parque (figura 12), misturando texturas, cores e atividades para remeter à fantasia e unicidade do projeto.

Figura 12: composição da implantação do parque na maquete eletrônica.



Fonte: os autores.

Para a definição da vegetação foi necessário reinterpretar o significado do excêntrico no paisagismo do Rio Grande do Sul. Assim, foram estudadas vegetações de uso não convencionais, quando se encontrou o seguinte paradoxo: as plantas que mais se relacionavam com o conceito do parque eram as menos utilizadas no paisagismo convencional, e usualmente encontradas naturalmente no bioma pampa. Portanto, como forma de incrementar o conceito à escolha das espécies, foram selecionadas espécies nativas dessa região, a fim de abraçar o uso do não convencional e dar visibilidade às espécies nativas. A utilização de capins, bromélias, cactos e outras amostras são abundantes em Cachoeira do Sul, incentivando, assim, também a valorização do paisagismo brasileiro nativo.

Figuras 13, 14 e 15: Percursos no parque e composições com vegetação nativa do bioma pampa.



Fonte: os autores.

Após a definição das espécies, tornou-se imprescindível reduzir a escala do macro ao micro, a fim de estruturar os espaços e relacioná-los com o cenário que o envolve. Nessa escala, o projeto do mobiliário se tornou essencial à ambientação da linguagem estética, em que o conceito se aplica na sua mais pura forma, e o excêntrico toma forma e se traduz à uma nova perspectiva de espaço.

Os mobiliários escultóricos (Figuras 16 e 17) envolvem a poética da proposta e se traduziram em bancos multifuncionais, em que seu uso não se delimita apenas em um assento, mas também age como uma escultura que está diretamente associada ao contexto geral do parque.

Figuras 16 e 17: projeto de mobiliário urbano



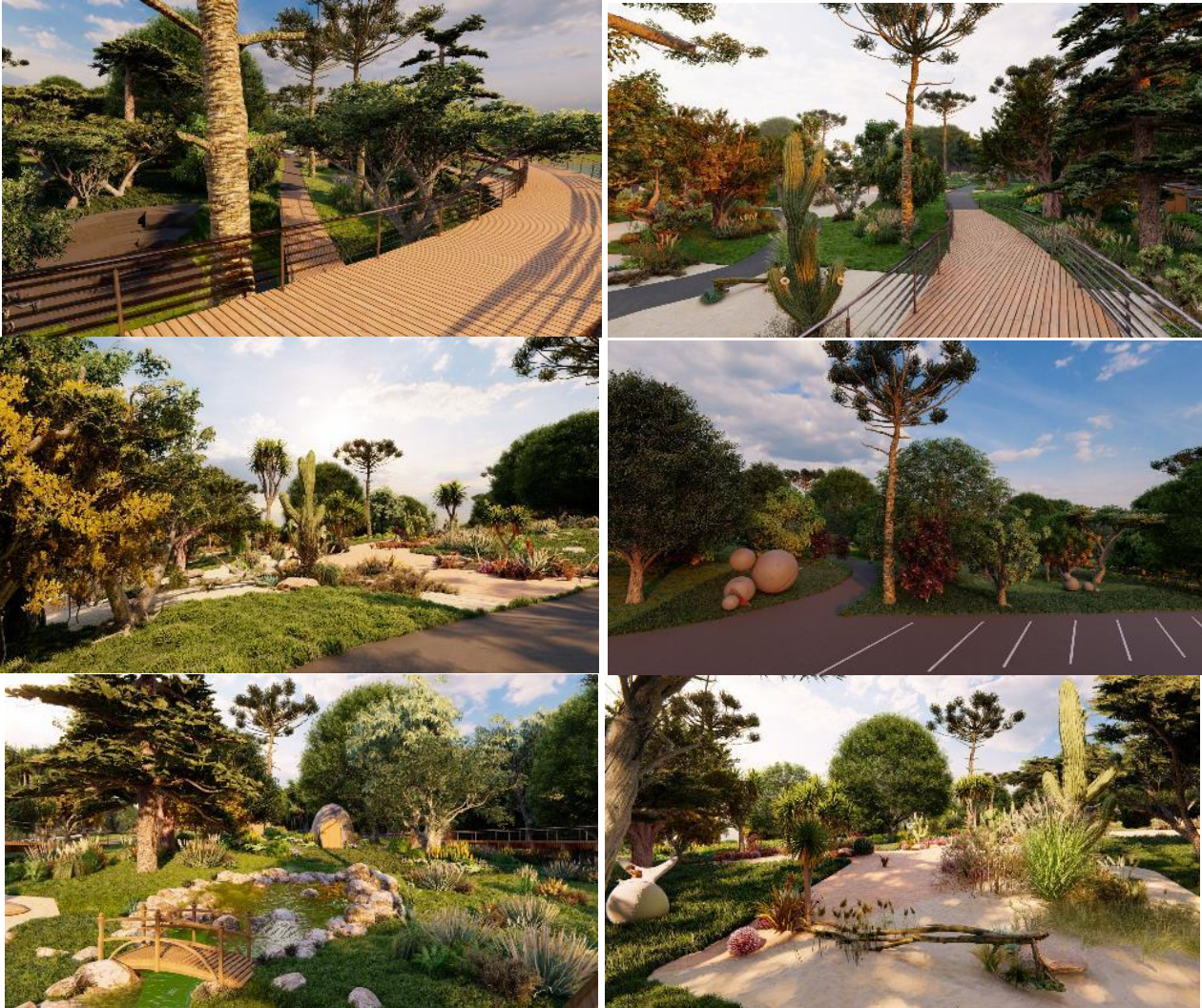
Fonte: os autores.

O projeto luminotécnico do parque serviu como apoio para destacar os elementos do projeto de forma sutil e eficiente, com a intenção de integrar os elementos naturais aos elementos construtivos, explorando o uso da iluminação indireta. Assim, foram utilizadas iluminações embutidas nos mobiliários e corrimões para melhor conforto visual do transeunte, promovendo espaços com diferentes propostas de iluminação, gerando diferentes sensações sobre os ambientes.

Neste projeto, a proposta conceitual permitiu a aplicação no projeto de diferentes formas e aspectos, abraçando a exploração do excêntrico na estética, no programa de atividades, na escolha de espécies não convencionais, no uso de formas irregulares e até mesmo no programa de atividades, que propõe atividades principais em segundo plano. Dessa forma, criou-se um parque de uso coletivo que abriga diferentes necessidades, nas quais o transeunte é protagonista de seu próprio trajeto. O Parque Fauno traz uma proposta autêntica de projeto paisagístico, com a criação de espaços que provocam sensações e

geram autonomia e liberdade no uso, permitindo ao usuário se identificar com o lugar e dar significado à sua experiência (AUGÉ, 1992).

Figuras 18, 19, 20, 21, 22 e 23: imagens do projeto.



Fonte: os autores.

3 CONCLUSÃO

O Parque Fauno foi um exercício paisagístico desenvolvido na disciplina de Projeto Urbano e da Paisagem I do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFSM-CS. O seu resultado demonstra a importância do projeto de parques enquanto estratégia de ensino da paisagem em escolas de arquitetura.

Baseada na metodologia de composição espacial paisagística proposta por Macedo (1992), o projeto também se apoiou no conceito do excêntrico e do não usual, a partir da inspiração do abandono da Estação Ferroviária da Ferreira e do excêntrico e místico presente no cinema, através da análise dessa estética em diversos filmes.

O projeto explora cenários e fantasias, ao mesmo tempo em que valoriza a multifuncionalidade dos espaços e a liberdade no posicionamento das espécies vegetais e nas diferentes formas de apropriação dos espaços, equipamentos e mobiliários. Além disso, como é comum no paisagismo sulista o uso de espécies exóticas e incomum o uso de espécies nativas, o excêntrico foi justamente a exploração destas últimas no projeto paisagístico, valorizando composições com espécies do bioma pampa e com estética pouco convencional.

Espera-se que o artigo estimule maiores publicações sobre projetos da paisagem e que oriente discentes sobre as metodologias do conceito, composição e criatividade para a definição paisagística de espaços. Também se pretende estimular maior utilização das espécies nativas no paisagismo brasileiro.

4 REFERÊNCIAS

- ALVES, H.M. *Patrimônio e memória: um olhar sobre as paisagens ferroviárias do município de Restinga-Sêca/RS - 1920 até os dias atuais*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geociências, Centro de Ciências Naturais e Exatas, Universidade Federal de Santa Maria, 2013. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/ppggeo/images/He.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2021.
- AUGÉ, M. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papyrus Editora, 1992.
- BARTALINI, V. Notas sobre paisagem e ensino de paisagismo. *Paisagem e Ambiente*, 30(43), e153638, 2019. <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.paam.2019.153638>.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Demográfico, Estimativa Populacional de 2020*. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 03 abr. 2021.
- LIMA, A. M. L. P.; et. al. *Problemas de utilização na conceituação de termos como espaços livres, áreas verdes e correlatos*. In: Congresso De Arborização Urbana, 1994, São Luís, MA. Anais [...] 1994.
- MACEDO, S. S. A vegetação como elemento de projeto. *Paisagem e Ambiente*, (4), p. 11-41, 1992. <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i4p11-41>.
- MACEDO, S. S. Paisagismo e paisagem introduzindo questões. *Paisagem e Ambiente*, (5), p. 49, 1993. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/paam/article/view/133783>. Acesso em: 28 ago. 2019.
- MACEDO, S. S.; SAKATA, F. M. G. *Parques urbanos no Brasil*. 3. ed. São Paulo, SP: Edusp, 2010. Disponível em: <http://quapa.fau.usp.br/wordpress/parques-urbanos-no-brasil/>. Acesso em: 15 abr. 2019.
- MAGNOLI, M. M. O parque no desenho urbano. *Paisagem e Ambiente*, (21), p. 199–214, 2006a. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/paam/article/view/40250/0>. Acesso em: 3 set. 2018.
- MAGNOLI, M. M. Espaço Livre – Objeto de Trabalho. *Paisagem e Ambiente*, (21), p. 175–198, 2006b. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/paam>. Acesso em: 3 out. 2018.
- MAYMONE, M. A. de A. *Parques Urbanos - Origens, Conceitos, Projetos, Legislação e Custos de Implantação Estudo de Caso: Parque das Nações Indígenas de Campo Grande, MS*. Dissertação (Mestrado em Tecnologias Ambientais) – Programa de Pós-Graduação em Tecnologias Ambientais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2009. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=150176>. Acesso em: 10 nov. 2019.
- MINSEN, E. et al. *Estação Ferroviária Ferreira*, Município de Cachoeira do Sul, RS. Estações Ferroviárias do Brasil, 2012. Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/rs_uruguaiana/ferreira.htm>. Acesso em: 03 abr. 2021.
- CASTRO ROCHA, Rogelio. *Lo fantástico y lo siniestro en Guillermo de Toro*. 2012.
- SAKATA, F. M. G. *Parques urbanos no Brasil - 2000 a 2017*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de São Paulo, 2018. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16135/tde-20092018-143928/>>. Acesso em 15 out. 2019.
- SELBACH, F.J. Expansão econômica em Cachoeira do Sul (RS), décadas de 1930-1940. *Revista História Unisinos*, 22(2):264-273, Maio/Agosto 2018. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/viewFile/htu.2018.222.10/60746317>>. Acesso em: 28 Mar. 2021.
- ZEVI, B. *Saber ver a arquitetura*. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

NOTAS

¹ Mais informações sobre a metodologia dos exercícios podem ser encontradas em AUTOR, 2020.

² Os filmes que inspiraram a concepção do parque são: “O Labirinto do Fauno”, “Coraline”, “Edward mãos de tesoura”, “Desventuras em série”, “O estranho mundo de Jack”, “A noiva cadáver”, “Ponte para Terabithia”, “Nárnia”, “As crônicas de Spiderwick”, “Sete minutos depois da meia noite”, “Alice no País das maravilhas”, “O mágico de Oz” e “O Hobbit”.

³ Ovos de páscoa em português, intimamente ligada ao mundo do cinema, que consiste em apresentar elementos importantes escondidos em segundo plano, como forma de brincar com o telespectador e o fazendo interagir com o ambiente.

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade do(s) autor(es).